



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

# revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 5, art. 12, p. 225-242, set./out. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.5.12>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Desenvolvimento ou Subdesenvolvimento Brasileiro? Uma Leitura Pós-Colonial de Celso Furtado e sua Relevância para os Estudos Organizacionais

### Brazilian Development or Underweight? A Post-Colonial Reading of Celso Furtado and its Relevance to Organizational Studies

#### Clayton Pereira Gonçalves

Doutorado em Administração pela Universidade do Grande Rio  
Mestre em Administração pela Universidade do Grande Rio  
Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
E-mail: crmiax@gmail.com

#### Rinaldo Assis da Silva

Mestre em Administração pela Universidade do Grande Rio  
Professor da Faculdade São José  
E-mail: rinaldoas23@hotmail.com

#### Diego de Oliveira da Cunha

Mestrado em Administração pela Universidade do Grande Rio  
Graduação em Processos Gerenciais pela Universidade Castelo Branco  
Professor do Centro Universitário Anhanguera Uniderp  
E-mail: adm.diegoolivei@gmail.com

#### Edson Santos Pio Júnior

Mestre em Administração pela Universidade do Grande Rio  
E-mail: edsoncespj@gmail.com

#### Sergio Eduardo de Pinho Velho Wanderley

Doutor em Administração pela Fundação Getúlio Vargas  
Professor do PGA da Unigranrio  
E-mail: sergio.wanderley@unigranrio.edu.br

#### Endereço: Clayton Pereira Gonçalves

Universidade do Grande Rio – Rua da Lapa, 86, Centro,  
CEP: 20021-180, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

#### Endereço: Rinaldo Assis da Silva

Universidade do Grande Rio – Rua da Lapa, 86, Centro,  
CEP: 20021-180, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

#### Endereço: Diego de Oliveira da Cunha

Universidade do Grande Rio – Rua da Lapa, 86, Centro,  
CEP: 20021-180, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

#### Endereço Edson Santos Pio Júnior

Universidade do Grande Rio – Rua da Lapa, 86, Centro,  
CEP: 20021-180, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

#### Endereço: Sergio Eduardo de Pinho Velho Wanderley

Universidade do Grande Rio – Rua da Lapa, 86, Centro,  
CEP: 20021-180, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

Artigo recebido em 19/04/2019. Última versão recebida em 02/05/2019. Aprovado em 03/05/2019.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



## RESUMO

A intenção deste trabalho é analisar como as contribuições de Celso Furtado dentro de uma visão pós-colonial podem contribuir para os debates relacionados aos Estudos Organizacionais. Para realizar isso, dividimos o trabalho em quatro etapas. Iniciamos apresentando um breve histórico sobre Celso Furtado e, então, apresentamos como seus trabalhos tinham interesse pelo crescimento social. Na terceira seção, apresentamos concisamente um histórico e a relevância da teoria pós-colonial para os estudos organizacionais. Por fim, demonstra-se que a obra de Celso Furtado sobre Desenvolvimento e Subdesenvolvimento pode ser interpretada dentro da teoria pós-colonial. Portanto, concluímos que da mesma maneira que outros autores do Brasil, Celso Furtado poderia ser interpretado por uma visão pós-colonial, pois os conceitos desta teoria eram inerentes a seus trabalhos, principalmente a obra intitulada Desenvolvimento e Subdesenvolvimento. Este trabalho pretende contribuir para os estudos organizacionais, destacando o pensamento pós-colonial como saída para enfrentar a colonialidade e principalmente o colonialismo epistêmico.

**Palavras-chave:** Colonialidade. Organizacionais Contemporâneas. Teoria do Desenvolvimento. Economia Brasileira. Pensamento Furtadiano.

## ABSTRACT

The intention of this work is to analyze how the contributions of Celso Furtado within a postcolonial vision can contribute to the debates related to Organizational Studies. To accomplish this, we divide the work into four stages. We started by presenting a brief history about Celso Furtado and then, we present how his works had an interest in social growth. In the third section, we briefly present a history and relevance of postcolonial theory to organizational studies. Finally, it is demonstrated that the work of Celso Furtado on Development and Underdevelopment can be interpreted within the postcolonial theory. Therefore, we conclude that, like other authors in Brazil, Celso Furtado could be interpreted by a postcolonial view, since the concepts of this theory were inherent in his works, especially the work entitled Development and Underdevelopment. This paper aims to contribute to organizational studies, highlighting postcolonial thought as an exit to face coloniality and especially epistemic colonialism.

**Key-words:** Coloniality. Contemporary Organizational. Development Theory. Brazilian Economy. Furtadian Thought.

## 1 INTRODUÇÃO

O subdesenvolvimento é sempre um tema que deva ser tratado de forma relevante quando se pensa sobre questões de formação política econômica brasileira. Celso Furtado entende a questão do subdesenvolvimento como resultado de uma estrutura histórica e não uma etapa a ser superada para que se alcance o status de nação desenvolvida (FURTADO, 1961).

Relacionando-se a questão dos estudos pós-coloniais na América Latina (AL), observa-se uma condição de submissão ao desenvolvimento pelo lado social da região, questões desiguais e a enorme diferença entre periferia e centro (Ribeiro e dos Prazeres, 2016).

A modernização necessária da AL no século XX, uma série de situações que vinham acontecendo concomitante a esta modernização, como aspectos de nacionalismo, a dificuldades da periferia, globalização, abordagem sobre a colonialidade, todas estas questões passam a ser de extrema relevância para os estudiosos das dependências dos latino-americanos, a partir daí tornam-se mais evidentes os problemas da dependência.

O conceito de modernidade surge a partir de um interesse da Europa (QUIJANO, 2000) de se colocar como protagonista e produtor da modernidade, logo toda modernização de países não europeus pode ser entendida como uma europeização. Além disso, a modernidade estaria relacionada somente à racionalidade, à ciência e à tecnologia, o que demonstra que o eurocentrismo continuaria como uma forma norteadora das ações.

Para Quijano (2000), as novas nações das Américas não deveriam ser consideradas novas nações pelo fato de que um pequeno grupo de colonizadores assumiram o poder, ou seja, os países alcançaram uma independência, mas a população em si continuava colonizada e teóricos latinos das décadas de 60 e 70, Casanova (1965), Stavenhagem (1965) e, inclusive o próprio Quijano (2000), nomearam tais ações como “colonialismo interno”.

Nota-se claramente que é apresentado um cenário em que o contexto social e cultural é absolutamente passivo ao colonizador, às instituições frágeis, à predominância da cultura formadora do Norte, impondo sempre ao sul a condição de subalternidade.

Na questão dos Estudos Organizacionais, a visão da pós-colonialidade é abordada por alguns autores como formas de se produzirem ações idealizadas, um modelo de gestão a ser formatada de acordo com a cultura americana. Ibarra-Colado (2006) percebe o processo de americanização da gestão como um tipo de “colonialidade epistêmica” e concluem os autores que a maneira como a organização é representada e pensada na literatura dos países centrais

(principalmente EUA e Reino Unido) tem uma tendência a considerar as organizações do Sul como expressões imperfeitas das organizações do Norte, primeiro e terceiro mundo.

Celso Furtado se posiciona após a Segunda Guerra, voltada a um mundo em crescente transformação, em que havia a necessidade de reconstrução do progresso, de que ideais fossem alcançados através de uma nova conjuntura política e social. A visão de Furtado se fazia necessária para um novo desenvolvimento do Brasil, nesta concepção Furtado dava vida a uma nova teoria de desenvolvimento (FURTADO, 1961). Sendo assim, barreiras colonizadoras precisavam ser quebradas, novas perspectivas econômicas figuravam naquele momento, paradigmas quanto à teoria econômica que viam como desenvolvimento a ligação com o comércio internacional.

Analisando bem, a visão de Furtado pós-colonização é uma resposta à extrema necessidade de repensar a história até então contada, a forma como se apresentava a divisão dos lados, povos desenvolvidos e subdesenvolvidos, colocados e apresentados por uma diferença colonial.

Celso Furtado apresenta uma teoria do desenvolvimento, na qual a cultura tem papel central na perpetuação ou ruptura das estruturas econômicas de poder que, ora facilitam, ora restringem à satisfação das “múltiplas necessidades de uma coletividade origem do dinamismo que impele uma sociedade ao desenvolvimento” (FURTADO, 1969). O autor parte, em alguma medida, do paradigma “centro-periferia” e da “deterioração dos termos de intercâmbio” influenciado pelo ambiente intelectual da CEPAL durante o período de 1950/60.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Celso Monteiro Furtado: breve histórico**

Considerado um dos maiores pensadores brasileiros, um intelectual de muita capacidade e ação relevante no plano político, entendia que o melhor caminho para um entendimento mais acertado da sociedade seria através de uma política econômica eficiente com a intenção de ajustar e melhorar as condições de vida, buscando o desenvolvimento da nação.

Tinha como meta através de suas ações transformar o país, entendia que os entraves do subdesenvolvimento que impediam o desenvolvimento estavam relacionados a uma educação melhor condicionada.

Nasceu aos 26 de julho de 1920 em Pombal, sertão da Paraíba, de família de proprietários de terra e de magistrados. Realizou seus estudos secundários no Liceu Paraibano e no Ginásio Pernambucano, em Recife (CENTRO CELSO FURTADO, 2016).

Em 1939, Furtado mudou-se para o Rio de Janeiro e, em 1940, inicia os estudos de nível superior ingressando na Faculdade Nacional de Direito da então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano começa a trabalhar como jornalista para a Revista da Semana (CENTRO CELSO FURTADO, 2016).

No ano de 1943, Furtado é aprovado em concurso do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) para assistente de organização, e no de técnico de administração de Departamento do Serviço Público do Estado do Rio de Janeiro, então, começa a trabalhar no Rio de Janeiro e em Niterói. No ano seguinte cursa o CPOR (Corpo de Preparação de Oficiais da Reserva), é então convocado para a Força Expedicionária Brasileira e em 1945 segue para a Itália, servindo, na Toscana, como oficial de ligação junto ao V Exército norte-americano, vindo a sofrer um acidente em missão durante a ofensiva final dos aliados no Norte da Itália (SUDENE, 2016).

Em junho de 1948, Furtado obtém o título de doutor em economia pela Universidade de Paris e já em agosto do mesmo ano retorna ao Brasil, reassumindo seu trabalho no DASP, além de juntar-se ao quadro de economistas da Fundação Getúlio Vargas e colaborar na revista Conjuntura Econômica (SUDENE, 2016).

Em fevereiro de 1949, segue para Santiago no Chile, indo trabalhar no órgão recém-criado das Nações Unidas, a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), que veio a tornar-se a única escola de pensamento econômico surgida no terceiro mundo. Na CEPAL se dedicou às pesquisas e passava a escrever seus primeiros trabalhos de economia (SUDENE, 2016).

Em 1950, Furtado é nomeado diretor da Divisão de Desenvolvimento da CEPAL, ficando a seu cargo missões em vários países na América Latina. Neste ano é publicado pela Revista Brasileira de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, seu primeiro artigo de análise econômica intitulado: *Características gerais da economia brasileira*. Dois anos depois a mesma revista publica outro artigo: *Formação de capital e desenvolvimento econômico*, que fica conhecido internacionalmente, sendo traduzido para o *International Economic Papers* da Associação Internacional de Economia (SUDENE, 2016).

Em 1953, Furtado retorna ao Brasil para presidir o grupo misto CEPAL-BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) formado por economistas destas duas instituições e elabora um estudo sobre a economia brasileira, enfatizando as técnicas de

planejamento. O documento oriundo deste estudo serviu de base para o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek (CENTRO CELSO FURTADO, 2016).

Em 1954, Furtado se une a um grupo de amigos, criando no Rio de Janeiro o Clube de Economistas, que elabora a Revista Econômica Brasileira e também publica seu primeiro livro de economia, *A economia brasileira* (1954) sobre a teoria do desenvolvimento e subdesenvolvimento. Uma prévia do seu livro que se tornaria o mais conhecido, mundialmente, *Formação Econômica do Brasil* (1959), obras nas quais analisa a composição econômica brasileira, suas particularidades e seu atraso de forma histórica (INTÉRPRETES DO BRASIL, 2016).

Em 1956, Furtado retorna à CEPAL, em 1957 afasta-se da CEPAL e retorna ao Rio de Janeiro, onde realiza uma série de dez conferências no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), tratando das perspectivas da economia brasileira. Em seguida, embarca com destino à Inglaterra para a Universidade de Cambridge, permanecendo um ano no King's College e efetua estudos de pós-graduação (Centro Celso Furtado, 2016).

Ao regressar ao Brasil em 1958, Furtado desliga-se definitivamente da CEPAL e passa a ocupar uma diretoria no BNDE. Em 1960, o Congresso Nacional autoriza lei que institui a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), órgão em que Furtado é indicado para exercer a superintendência (CENTRO CELSO FURTADO, 2016).

No governo do presidente João Goulart em 1962, Furtado é nomeado primeiro titular do Ministério do Planejamento, período em que organiza o Plano Trienal, porém em 1963 deixa o Ministério e retorna à superintendência da SUDENE. Entre 1961 e 1964, Furtado publica obras como *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1961), estudo no qual nega a ideia de que o subdesenvolvimento seria uma fase precedente ao desenvolvimento (SUDENE, 2016).

Com o golpe militar de 31 de março de 1964 e a publicação do Ato Institucional nº 1 em 04 de abril, tem seus direitos políticos cassados. É convidado para o Instituto Latino-Americano para Estudos de Desenvolvimento (ILPES), instituição ligada à CEPAL, segue então para Santiago, no Chile. Nos dez anos que cobrem o período de 1968 a 1978, Furtado realiza viagens a diversos países em missões das Nações Unidas e passa por Universidades Internacionais (CENTRO CELSO FURTADO, 2016).

Após a anistia em 1979, retorna ao Brasil e, desta forma, insere-se novamente na vida política. É convidado em janeiro de 1985 para participar da Comissão do Plano de Ação do Governo (COPAG). Em agosto deste mesmo ano é denominado embaixador do Brasil junto à Comunidade Econômica Europeia (SUDENE, 2016).

Integra, entre 1993 e 1995, como membro, a Comissão Mundial para a Cultura e o Desenvolvimento da ONU/UNESCO (Organização das Nações Unidas/ Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura) (SUDENE, 2016).

No ano de 1997, a Academia de Ciências do Terceiro Mundo cria o Prêmio Celso Furtado, que será concedido a cada dois anos ao melhor trabalho de um cientista do Terceiro Mundo no campo da economia política. Ainda neste mesmo ano é eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de nº 11 até 2004, ano de sua morte (SUDENE, 2016).

## 2.2 Crescimento social na visão de Celso Furtado

Furtado destacava que seria fundamental para alavancar o avanço da economia conhecer e entender as carências econômicas e sociais do país, ele pensava que teria que haver um esforço em prol de oferecer boas condições de uma forma mais ampla, com o intuito de proporcionar resultados de evolução em nível de conhecimento, se posicionava contrário a qualquer forma de exploração para alcançar o tão sonhado desenvolvimento.

O estudioso já mencionava que era necessária uma mudança de perspectiva, pois a forma como vinha se desenhando o possível crescimento dos países dependentes não o conduziram à forma de desenvolvimento que pretendiam.

Através de suas teorias, apresentava que o fundamental para que questões sociais fossem bem desenvolvidas e direcionadas seria necessária a ação do Estado como elemento formador de ideias e ações que fossem implantadas, tais ações e ideias que comportassem reestruturação na política econômica do país, melhorando padrões de distribuição de renda e consequente diminuição da desigualdade social, pois Furtado entendia que o fator da renda equilibradamente distribuída proporcionaria uma reforma social.

Segundo Bielschowsky, o desenvolvimentismo é “... definido como a ideologia de superação do subdesenvolvimento através de uma industrialização capitalista, planejada e apoiada pelo Estado” (BIELSCHOWSKY, 1996, p. 431).

A proposta de Furtado (1997) na intenção de equilibrar as questões monetárias e de renda passa pela estratégia de eliminação da rigidez da oferta, através da realização de uma política desenvolvimentista. A atenção com as questões de estabilidade ficaria sujeita ao desenvolvimento econômico que seria alcançado por meio de um competente plano de programação econômica.



Furtado afirmava que era necessário “desenvolver as técnicas de planejamento adaptadas às peculiaridades das economias periféricas e preparar as equipes que em cada país se encarregariam de levá-las à prática” (FURTADO, 1997, p.201). Para Furtado, existiam problemas estruturais na economia brasileira que deveriam ser solucionados por meio de um método integrado de planejamento.

Conforme Bielschowsky (2000), Furtado considerava que o modo de pensar característico do empresariado do país era o da obtenção de lucro fácil, o que representava um entrave ao desenvolvimento. Esta interpretação, quando direcionada para a questão da aquisição de recursos de financiamento ao desenvolvimento, apresentava como solução o aumento da tributação.

O Estado deveria desempenhar, na compreensão de Furtado, a função de disseminar o progresso técnico; era entendido como tendo um papel determinante na dimensão dos investimentos nos aparelhos produtivos. Era também atribuição do Estado promover as transformações estruturais necessárias e decidir os campos de atividade dos empresários privados.

De acordo com Bielschowsky (1996), a certeza de que no Estado residia a competência para promover o “desenvolvimento autossustentado”, sempre esteve presente no trabalho teórico de Furtado. Acreditava no planejamento como sendo o método de segurança do sucesso no processo de industrialização e também para superar o subdesenvolvimento econômico.

Segundo Souza (2005), na visão de Furtado o crescimento seria norteado pelo planejamento estatal, desfazendo as estruturas atrasadas que travavam o desenvolvimento. A industrialização demandaria investimentos contínuos em infraestrutura. Ao Estado competiria a promoção destes investimentos, pois grandes investimentos deixariam de ser realizados devido aos vultosos recursos exigidos e, muitas vezes, a efetivação dos investimentos seria impedida pela escassez de poupança interna e pela baixa capacidade de importar.

Para Furtado (1992), o aspecto social devia ser mais significativo para uma nação do que a lógica dos ganhos de capital, o que pode ser verificado com sua crítica à teoria das vantagens comparativas. Reprova a proposição de vocação rural do país, defendendo que a industrialização e modernização gerariam novas possibilidades, que iriam além dos ciclos de raízes coloniais da atividade primário-exportadora.

Em seu projeto de desenvolvimento, Furtado aponta o papel do Estado na fiscalização, regulação e no planejamento das opções e objetivos econômicos, sendo essas características intrínsecas ao Estado interventor, que é entendido pelo autor como a mais poderosa



organização dentro de uma sociedade e, assim, seria perfeitamente natural que o Estado viesse a desempenhar em muitas oportunidades um papel autônomo nos conflitos que caracterizam o desenvolvimento dessa sociedade. (FURTADO, 1964).

Dando prosseguimento ao que ele afirmava ser de extrema importância, para que a sociedade tivesse uma renda digna seriam cruciais três processos distintos: o desenvolvimento econômico através da acumulação do capital, que pudesse financiar o desenvolvimento e foi possibilitado a partir da criação do BNDE, a adoção de processos produtivos mais eficientes, a exploração de recursos naturais não renováveis e realocação de recursos visando uma especialização em um sistema de divisão internacional do trabalho (FURTADO, 1992).

Os projetos sociais deveriam estar dentro deste pacote e não apenas questões econômicas. Assim sendo, as ações deveriam ser bem planejadas, por isso Furtado sempre se posicionava com certa inquietude no que se referia às questões sociais.

A exclusão social seria consequência da má distribuição de renda; por conseguinte, seria decorrente da imposição da classe dominante, devido ao fato de a classe dominante desejar consumir como países desenvolvidos.

O crescimento que se verificava era acompanhado pela reprodução dos modelos das economias centrais, o que levava Furtado a afirmar que o problema da pobreza no Brasil não reflete escassez de recursos, e sim a forte propensão ao consumo por parte dos grupos de alta renda (FURTADO, 2003).

De acordo com Guimarães (2000), o projeto nacional de Celso Furtado contemplava claramente a necessidade de tornar democráticas as bases econômicas e sociais do país através do interesse nacional reformador que reedificasse os métodos das instituições de democracia da política brasileira. Para o autor, Furtado apontava uma fundamentação teórica lógica, para que se obtivesse uma saída para a problemática nacional por intermédio de um projeto que considerava a transferência do panorama histórico de exclusão social para uma situação de fortalecimento dos alicerces da democracia política.

No entanto, ressaltava Furtado (1969), que operar transformações relevantes na estrutura econômica de um país, em curto prazo, não é tarefa simples, nem mesmo quando o poder político se encontra em condições de determinar o comportamento dos atores sociais atingidos. A probabilidade de sucesso da política reformista se torna maior quando se atua em campos variados, e quanto mais abrangente for a atuação política, maior será a relevância do suporte popular e de sua participação ativa em busca de seus próprios interesses.

Segundo Nabuco (2000), no entendimento de Furtado, o desenvolvimento econômico se apresentava como o caminho indispensável ao desenvolvimento humano. Tanto o

progresso técnico como o econômico estão vinculados à efetivação das potencialidades dos indivíduos, sendo que a elaboração e execução de um projeto de desenvolvimento nacional são resultados dessa possibilidade de efetivar as capacidades dos indivíduos de produzir.

Nabuco (2000) afirma que o trabalho de Furtado apresenta uma gama de conhecimentos de múltiplas áreas, mas a ideia central desta multiplicidade de saberes se concentra na promoção a todos os indivíduos das melhorias do progresso econômico e social, com igualdade na construção do projeto de desenvolvimento, projeto este que implica um entrosamento entre os conjuntos sociais, por meio de um programa de ação de políticas de desenvolvimento.

Conforme Braga (2005), Furtado não admitia a conjuntura de injustiça e exclusão social da maioria da população do país. Por acreditar em um modelo diferente de sociedade, e por sua atitude comprometida com as modificações do mundo, convocava a todos para a edificação de um novo projeto de sociedade. Enfatizava a reconstrução nacional, por meio do estabelecimento de uma percepção conjunta da necessidade de romper com a mentalidade dependente. Braga concorda com a descrição atribuída a Furtado de defensor de um outro Brasil, devido à trajetória intelectual e posicionamento ético de Furtado.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 A visão pós-colonial dentro dos estudos organizacionais**

Apresentam-se neste trabalho algumas especificidades do pensamento pós-colonial de forma concisa, abordando conceitos do comportamento subalterno, a visão do pós-colonialismo e quais os elementos teóricos que nos dão base para explorar este olhar.

A teoria pós-colonial surgiu de departamentos de estudos de literatura comparativa e crítica literária, principalmente por países de língua anglo-saxônica. Isto pode ser observado pela origem da “Santíssima Trindade” da teoria pós-colonial que é formada pelos autores indianos Spivak, Bhabha e o palestino Said (JACK *et al.*, 2011).

Para a teoria, os conceitos estão relacionados a questões de relações de poder, subalternidade, análise das pessoas e costumes com uma visão crítica ao colonialismo europeu. Agindo com resistência a toda forma de colonialismo gerando uma resposta através de umas práxis social, política, econômica e cultural (JACK *et al.*, 2011).

No que tange aos estudos organizacionais, os autores que aderem à teoria pós-colonial apresentam um conteúdo crítico perante os estudos de gestão e organização que se mostram geralmente com noções paroquiais e etnocêntricas (JACK *et al.*, 2011).

Este paroquialismo ocorre por três formas: contextual, qualitativo e quantitativo (BOYACIGILLER; ALDER, 1991). Tais situações ocorrem devido ao fato de os EUA após a II Guerra Mundial terem se tornado uma superpotência, que possibilitou expandir seus mercados e disseminar sobre os outros países a sua educação, conhecimentos de negócios e cultura. O paroquialismo contextual refere-se ao fato dos estudos organizacionais de uma maneira geral pesquisarem em sua grande maioria interesses relacionados aos EUA, o qualitativo está atrelado aos conceitos, métodos e teorias desenvolvidas com base nos EUA. O paroquialismo quantitativo refere-se ao pequeno número de países que são atendidos por estas pesquisas em relação ao todo (BOYACIGILLER; ALDER, 1991).

O pós-colonial tem como objetivo questionar a corrente de sabedoria tradicional, com o intuito de exercer constante pressão e reorientação à lógica e à trajetória dos discursos ocidentais (JACK *et al.*, 2011).

Bhabha (1998, p. 132) define a relação entre o colonizado e os ex-colonizadores, que também pode ser expandida para as novas formas de colonialidade através da tentativa de se reproduzir o mesmo que o colonizador:

“O que emerge entre a mimese e mímica é uma escrita, um modo de representação, que marginaliza a monumentalidade da História, que muito simplesmente arremeda seu poder de ser modelo, poder esse supostamente a tornaria imitável.”

Paulo Freire (1979) destaca que uma sociedade colonizada sofre com a “cultura do silêncio”, em que se trata de uma cultura que surge da relação do dominado com o dominante, mas não significa que o dominante impõe uma cultura ao dominado, mas sim que esta “cultura do silêncio” é resultado de relações estruturais entre ambos. Estas relações entre o dominado e o dominador refletem o contexto social, de certa maneira, os dominados absorvem os mitos culturais do dominador, os valores e o estilo de vida da sociedade dominante. Logo, a sociedade dominada torna-se dependente da dominante e deixa de ter a sua própria cultura e passa a buscar a cultura do dominante.

Acima de tudo, Celso Furtado observava as reais características que determinavam o subdesenvolvimento econômico, a elucidação dos conceitos do desenvolvimento e bem-estar social, a participação do Estado em assumir um projeto com intuito de desenvolver a sociedade, a importância das modificações estruturais rumo ao progresso.

O trabalho de Furtado direcionava como agir para o desenvolvimento, o modo de estabelecer uma política econômica para que seus planos fossem realmente construídos, observa-se que Furtado buscava reduzir desigualdades econômicas, tentando promover um desenvolvimento econômico e social sustentado.

É importante observar que apesar de grande parte das referências sobre a teoria pós-colonial ser de origem anglo-saxã, alguns trabalhos já apontam que outros autores brasileiros também tinham uma perspectiva pós-colonial em seus trabalhos, como Guerreiro Ramos (CAVALCANTI; ALCADIPANI, 2016; FILGUEIRAS, 2012), Paulo Freire (PENNA, 2014; DE LIMA; GERMANO, 2013), e Silviano Santiago (RIBEIRO; DOS PRAZERES, 2016). Da mesma forma, acredita-se que o pensamento furtadiano também possa ser interpretado a partir desta visão.

### **3.2 Pensamento Furtadiano sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento: uma visão pós-colonial “tupiniquim”**

Para Celso Furtado, o objetivo de seu pensamento a respeito do desenvolvimento e subdesenvolvimento era “de explicar, numa perspectiva macroeconômica, as causas e o mecanismo do aumento persistente da produtividade do fator trabalho e suas repercussões na organização da produção e na forma como se distribui e utiliza o produto social” (FURTADO, 1961, p.19).

A reflexão de Furtado sobre subdesenvolvimento parte da constatação de que as premissas históricas que viabilizam o desenvolvimento não estão presentes nas economias subdesenvolvidas.

“Nos países subdesenvolvidos, nem a penetração do progresso tecnológico facilita a solução dos conflitos sociais de natureza substantiva, nem as massas que se acumulam nas grandes cidades possuem uma consciência de classe derivada de antagonismos econômicos aos proprietários dos meios de produção. A inadequação desses esquemas ideológicos é particularmente grave, em razão da preeminência dos problemas políticos. Um trabalho criador nesse plano é essencial e urgente. E para que tenha eficácia deverá realizar-se nos próprios países subdesenvolvidos” (FURTADO, 2003, p.101).

A partir deste pensamento de Furtado sobre o desenvolvimento e subdesenvolvimento (FURTADO, 1961), assim como a questão histórica de como iniciou o processo de industrialização no país e desenvolveu sua economia (FURTADO, [1959], 2005), observa-se um vínculo entre o pensamento Furtadiano e as teorias pós-coloniais. Furtado analisou e atuou

como agente executivo e político do desenvolvimento econômico, político e acadêmico principalmente entre os anos de 1950 e início dos 1960.

Furtado foi crítico ao apontar que muitos dos problemas relacionados ao atraso brasileiro estava relacionado a grandes heterogeneidades sociais, produtivas e regionais, assim como a demora em se consolidar o mercado interno e a defesa de que deveria haver uma política verdadeiramente brasileira (FURTADO, [1959], 2005).

A situação periférica e a reprodução de grandes assimetrias sociais criam bloqueios à inovação e à difusão do progresso técnico, que inviabilizam a valorização de recursos internos, o subdesenvolvimento é o produto de uma situação histórica que divide o mundo em uma estrutura “centro-periferia”, e de uma opção política que subordina o processo de incorporação do progresso técnico ao objetivo de copiar os estilos de vida das economias centrais.

Em 1958, durante o governo de Juscelino Kubitschek, Furtado esteve à frente, como interventor, do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), embrião da SUDENE, foi quando alcançou taxas de crescimento para a região nordeste acima das taxas da região sudeste e afirmou que a sua estratégia para crescer no nordeste mesmo com o problema da seca não era querendo superá-la, mas sim crescer apesar dela, ou seja, a seca era um problema que não deveria ser o único objetivo (FURTADO, 2004).

Nota-se que apesar das dificuldades econômicas, políticas e sociais existentes à época que atingiam a região do Nordeste, Furtado conseguiu realizar um ótimo trabalho, em uma região até então esquecida. Pode-se afirmar que a região nordeste do Brasil vivia até então um Colonialismo Interno (CASANOVA, 1965; STAVENHAGEN, 1965).

A Teoria do Subdesenvolvimento pode ser vista, portanto, como uma crítica à irracionalidade de um movimento de incorporação de progresso técnico que reproduz continuamente a dependência externa e a assimetria social interna.

Para Furtado (1992), o subdesenvolvimento se originava de condições históricas decorrentes do processo interno de exploração e do processo externo de dependência. A ampliação da dependência externa ocasionava de igual maneira a ampliação da taxa interna de exploração.

De acordo com Cepêda (2003), na visão furtadiana, não seria possível o desenvolvimento sem a realização de reformas políticas, sendo a democracia o principal recurso para a constituição do projeto social e para a superação dos empecilhos do subdesenvolvimento.

Furtado tinha em mente que o que equilibraria a economia e, por consequência, questões sociais seria uma distribuição de renda de forma igualitária, promovendo assim equilíbrio social, desta forma surgia com importância a ação do Estado com um projeto que realmente possibilitasse o crescimento econômico e social através de ações políticas voltadas a superar questões do subdesenvolvimento.

Nota-se que estes pontos estão indo ao encontro de ideias pós-coloniais, mais recentes de que existe um imperialismo econômico que é fruto de um sistema econômico e geopolítico e que se deve discutir a respeito de práticas formuladas pelos próprios países periféricos para que tenham suas necessidades atendidas (JACK *et al.*, 2011). Prasad (2003) destacou que, com o fim da colonização de ordem política, criaram-se outros meios de se manterem as antigas colônias sobre uma forma cultural, social e economicamente subalternas.

Além disso, percebe-se que mesmo escassos os estudos relacionando Celso Furtado com os Estudos Organizacionais no Brasil já começam a surgir (WANDERLEY; FARIA, 2012; WANDERLEY, 2015).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho demonstramos como o pensamento furtadiano, principalmente sua ideia relacionada ao desenvolvimento e subdesenvolvimento, está retratado nos conceitos teoria pós-colonial que emergiu como teoria após as principais obras de Celso Furtado. Concluímos que Celso Furtado não só critica a forma como o país se desenvolveu e realizou suas políticas econômicas e sociais, além de convidar o leitor e a comunidade acadêmica como um todo a ter uma visão reflexiva sobre tais assuntos, buscando a práxis que possibilitará a mudança.

Furtado apresentava conceitos de países desenvolvidos e subdesenvolvidos, cuja fórmula do crescimento dos países desenvolvidos seria através de fatores relacionados a conhecimento de novas concepções técnicas, enquanto os países subdesenvolvidos incorporariam o que fosse permitido pelos países desenvolvidos, geralmente tecnologias obsoletas.

Furtado fez severas críticas à forma como se deu o processo de industrialização no Brasil, o crescimento econômico na sua visão deveria absorver razões de transformação nas maneiras de se produzir, pensava em algo intimamente relacionado com aumento da produção e aumento da renda da população.

Furtado entendia que para a construção do desenvolvimento social seria necessário estabelecer conjunturas econômicas que pudessem proporcionar novos caminhos de crescimento, caminhos estes independentes de outras nações.

O Estado forte deveria ser o catalisador deste projeto de desenvolvimento social, sendo ele o elemento principal dentro deste cenário, Celso Furtado aborda as questões daquilo que são consideradas necessidades básicas, igualdade de direitos e acessos a bens e serviços.

Da mesma forma, o pós-colonialismo critica a ideia de se utilizar um desenvolvimento econômico, social e cultural baseado na dependência estrangeira. O discurso pós-colonial vai de encontro às ideias universalistas e etnocêntricas impelidas pelas nações ditas desenvolvidas com destaque para as de língua anglo-saxã que dominam o meio de produção intelectual e conhecimento.

Além disso, Furtado apresenta soluções alternativas, propondo debates, estratégias, ideias, formas de fazer políticas e métodos que combatam as desigualdades e exclusão social, sempre se pautando em reformas estruturais que possibilitem redirecionar o desenvolvimento da nação.

Por fim, o principal objetivo do trabalho é destacar que o pensamento Furtadiano pode ser entendido a partir de uma visão pós-colonial, além de agregar aos estudos organizacionais mais um exemplo de intérprete do Brasil que contribuiu para o desenvolvimento do país, além de dar voz a este grande pensador brasileiro e convidar o meio acadêmico a refletir sobre as suas próprias pesquisas e a maneira como as desenvolvem, sejamos reflexivos.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BOYACIGILLER, N. A.; ADLER, N. J. (1991) **The Parochial Dinosaur: Organizational Science in a Global Context**, *Academy of Management Review* 16(2): 262–90.

BRAGA, M. C. Celso Furtado: pensamento vivo. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 61-66, jan./jun. 2005.



CASANOVA, P. G. **Internal Colonialism and National Development**. Studies in Comparative International Development 1(4): 27–37, 1965.

CAVALCANTI, M. F. R; ALCADIPANI, R. International Development in the Brazilian Context in the 1950s and 1960s: A postcolonial reading of Guerreiro Ramos. **Cadernos EBAPE**. BR, v. 14, n. 1, p. 12-23, 2016.

CENTRO CELSO FURTADO. Disponível em: <[http://www.centrocelsofurtado.org.br/geral.php?ID\\_S=64#](http://www.centrocelsofurtado.org.br/geral.php?ID_S=64#)>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CEPÊDA, V. A. **O pensamento político de Celso Furtado**: desenvolvimento e democracia. Rio de Janeiro: Centro Celso Furtado. Disponível em: <[http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311541490.CEPEDA\\_O\\_pensamento\\_pol%C3%ADtico\\_de\\_CF.pdf](http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311541490.CEPEDA_O_pensamento_pol%C3%ADtico_de_CF.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2017.Mar.2003.

DE LIMA, J. G. S. A; GERMANO, J. W. O pós-colonialismo e a pedagogia de Paulo Freire. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 11, 2013.

FILGUEIRAS, F. B. G. R. a Redução Sociológica e o Imaginário Pós-Colonial. **Caderno CRH**, v. 25, n. 65, p. 361-377, 2012.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. **Cortez & Morales**, São Paulo, 1979.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 32ed. [1959] 2005.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

\_\_\_\_\_. **A pré-revolução brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro Dialética do desenvolvimento: Fundo de Cultura, 1964.

\_\_\_\_\_. **Um projeto para o Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Saga S.A., 1969.

\_\_\_\_\_. **Brasil**: a construção interrompida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Obra Autobiográfica Celso Furtado Tomo I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Raízes do subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Longo Amanhecer**: Cinebiografia de Celso Furtado. Rio de Janeiro: RioFilme, Andaluz e Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

GUIMARÃES, J. **A trajetória intelectual de Celso Furtado**. In: TAVARES, Maria da Conceição (Org.). Celso Furtado e o Brasil. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. **Organization**, v. 13, n. 4, p. 489-508, 2006.

INTERPRETES DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.interpretesdobrasil.org/sitePage/66.av>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

JACK, G. *et al.* Deepening, broadening and re-asserting a postcolonial interrogative space in organization studies. **Organization-Interdisc Journ of Organiz Theory and Society**, v. 18, n. 3, p. 275, 2011.

NABUCO, M. R. Estado e projeto nacional nas obras iniciais de Celso Furtado. In: TAVARES, Maria da Conceição (Org.). Celso Furtado e o Brasil. **São Paulo**: Perseu Abramo, 2000.

PENNA, C. P. Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 8, n. 2, p. 164-180, 2014.

PRASAD, A. The Gaze of the Other: Postcolonial Theory and Organizational Analysis. **Postcolonial Theory and Organizational Analysis: A Critical Engagement**, Nova York: Palgrave, 2003.

QUIJANO, A. Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America. **Nepantla**, 1(3), pp. 553-580, 2000.

RIBEIRO, A M; DOS PRAZERES, Lílian Lima Gonçalves. **A produção da Subalternidade sob a ótica pós-colonial (e decolonial)**: algumas leituras. *Temáticas*, n. 45/46, 2016.

SOUZA, N. J. **Pensamento econômico brasileiro**: desenvolvimento econômico. 5. ed. Texto em versão ampliada da seção 7.3 do livro *Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Atlas, 2005.

STAVENHAGEN, R. Classes, Colonialism, and Acculturation. **Studies in Comparative International Development** 1(7): 53–77, 1965.

SUDENE. Disponível em: < <http://www.sudene.gov.br/quem-foi-celso-furtado>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

WANDERLEY, S. **Estudos organizacionais, (des) colonialidade e estudos da dependência**: as contribuições da Cepal/Estudios organizacionales,(de) colonialidad y estudios de la dependencia: las contribuciones de CEPAL/Organization studies,(de) coloniality, and dependency studies: the contributions of CEPAL. *Cadernos EBAPE. BR*, v. 13, n. 2, p. 237, 2015.

WANDERLEY, S; FARIA, A. **The Chandler–Furtado case**: A de-colonial re-framing of a North/South (dis) encounter. *Management & Organizational History*, v. 7, n. 3, p. 219-236, 2012.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

GONÇALVES, C. P; SILVA, R. A; CUNHA, D. O; PIO JÚNIOR, E. S; WANDERLEY, E. P. V. Desenvolvimento ou Subdesenvolvimento Brasileiro? Uma Leitura Pós-Colonial de Celso Furtado e sua Relevância para os Estudos Organizacionais. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n. 5, art. 12, p. 225-242, set./out. 2019.

<b>Contribuição dos Autores</b>	<b>C. P. Gonçalves</b>	<b>R. A. Silva</b>	<b>D. O. Cunha</b>	<b>E. S. Pio Júnior</b>	<b>. E. P. V. Wanderley</b>
1) concepção e planejamento.	X	X		X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X	X	
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X	X	X